

Uma exceção com regra: o Museu Nogueira da Silva da Universidade do Minho. Alguns episódios

Carolina Leite*

*À equipa do museu com quem tive o imenso gosto
de construir uma possível ideia de museu*

Tudo pronto para acolher os convidados. São numerosos. Entre os mais esperados, estão os que vêm de longe. Têm dificuldade em encontrar o museu. A chuva densa torna quase indistintas as coordenadas da cidade. No museu, este fim de tarde não se parece com nenhum outro. A expectativa é grande. Uma tensão que impõe uma espécie de alerta geral. Tudo deve correr o melhor possível.

Chegada ao Museu Nogueira da Silva em outubro de 2002, no momento em que o Dr. César Valença se retirava, pude contar com todo o seu apoio, através de uma disponibilidade permanente, efetiva e afetiva. Igualmente receptiva foi a presença da Dr. Helena Trindade, colaboradora científica imprescindível no acompanhamento de toda a atividade do museu. Encontrei uma pequena equipa de nove pessoas acolhedoras, disponíveis e de grande sentido profissional. O museu tinha as suas atividades e o seu ritmo próprio. Os jardins estavam cuidados e a casa, como todas as casas, sempre com grandes exigências, difíceis de acompanhar.

* Responsável do Museu Nogueira da Silva, Universidade do Minho, 2002-2006.

Como responsável do Museu tinha tudo para aprender, mas o contexto revelou-se excepcionalmente favorável. A atmosfera de trabalho respirava cordialidade e confiança. Da Reitoria, o Professor Acílio Rocha seguia atentamente os projetos do museu, apoiando-os sem reserva. E o Professor Lúcio Craveiro da Silva, Presidente do Conselho Cultural, além de interlocutor raro, foi presença gratificante em todos os momentos que marcaram a vida do museu.

Poucos dias antes, os Serviços Técnicos iniciam obras no terraço do museu: inicia também o mau tempo! Normal, também em Braga chove em dezembro. Pânico. A montagem da exposição estava quase terminada: mas as infiltrações eram já visíveis. A humidade, altíssima, começa a deformar as obras, na sua maioria, sobre papel (além de um pequeno núcleo de escultura e pintura). A sala grande do museu torna-se impraticável! O Conservador da Coleção visitante, a quem era impossível ocultar o desastre, lança em tom ameaçador que “aquilo” não era coisa que ele pudesse mostrar aos seus administradores!!!

A credibilidade por um fio...

Tratando-se de um museu ligado à Universidade mas sem ligação direta às áreas de ensino, era necessário criar linhas de passagem entre a arte e a ciência, a reflexão e a contemplação, a filosofia e a criação, a política cultural e o olhar desapaixonado das modas. Os meios, eram escassos. Mas as ideias chegavam numa abundância de sugestões, conselhos, propostas e até de recomendações daquilo que não se devia fazer!

A atividade no museu começa a definir-se a partir de algumas prioridades: a formação, a valorização da coleção, a abertura à universidade e ao exterior, a atenção à galeria, a realização de manifestações de reconhecida qualidade...

O estudo, a formação, a reflexão

O gosto do estudo e da formação era, por iniciativa própria, uma prática dos funcionários mais jovens do museu. As formações propostas pela Rede Portuguesa de Museus e um curso elementar de inglês trouxeram, a todos, a oportunidade do regresso ao estudo. Com a criação de cursos breves de História de Arte, o

museu abriu-se à cidade que respondeu com uma inesperada adesão. E naturalmente, o Serviço Educativo continuava a atrair centenas de crianças, num trabalho inventivo e paciente, de sensibilização do olhar. Muitas iniciativas de formação – entendida em sentido amplo – foram acontecendo, umas ligadas à Universidade, outras exteriores. Recordo apenas o ciclo de nove conferências – *Artes de cura, a palavra ao corpo* – que trouxe ao museu personalidades notáveis e momentos de grande intensidade, como a conferência-concerto da pianista Ana Telles, ao confiar a importância, na sua cura, da música de Messiaen. Nove sessões e novas concepções sobre o corpo. Um desafio à curiosidade, por vezes à emoção; mas sempre um convite à interrogação, na procura de caminhos viáveis para o entendimento do corpo e da consciência. Pensados como abertura do museu aos estudantes e docentes de medicina, estes encontros suscitaram na cidade um interesse tão amplo, que a ausência dos destinatários quase se fez esquecer.

A divulgação e a valorização da coleção

A coleção é a alma do museu. Ao confiar à Universidade a sua coleção, o Comendador António Nogueira da Silva esperava (assim o podemos imaginar...) recriar a cumplicidade que o colecionador tanto deseja obter do olhar do *outro*. Dar aos objetos a ocasião de uma nova leitura, deslocando-os na paisagem íntima do museu que já foi casa e da qual conservam memórias, confidências e afetos. Foi justamente a presença na coleção de obras de Emmerico Hartwich Nunes que esteve na origem da exposição – que teria uma etapa internacional, com a edição de um catálogo bilingue, português-alemão – que reuniu obras e documentos da família do artista, da Fundação Gulbenkian e da Biblioteca de Heidelberg. Centrada na colaboração de Emmerico Nunes com a revista alemã *Meggendorfer Blätter*, a exposição, concebida por Isabel Lopes Cardoso, deu a conhecer um importante conjunto de obras do artista. Afastada das modas, hoje como no seu tempo, a linguagem de Emmerico, elegante e irónica, dá vida a uma obra que resiste, sem esforço, ao tempo que passa.

E para assinalar os 30 anos do legado da coleção, toda a equipa se mobilizou para transformar o rés-do-chão do museu: a galeria e outros espaços foram

pintados de cores fortes combinadas às peças escolhidas, valorizando-as. Ocasão para admirar a coleção num renovado contexto de cor e de diálogo entre objetos e obras de arte. Festa da coleção do museu e cumplicidade de todos os seus funcionários, em torno de um objetivo comum. O generoso apoio da reitoria permitiu a publicação de um catálogo trilingue. Um documento indispensável, em particular para os visitantes estrangeiros de passagem e os muitos convidados da universidade que ali eram hospedados, dando vida a uma parte da casa.

Alguns momentos particulares

Ainda no âmbito dos 30 anos da doação do Senhor António Nogueira da Silva, realizou-se a primeira exposição em Portugal (desenho e aguarela), de Valerio Adami. Pintor italiano residente em Paris, um dos nomes reconhecidos da *Pop-Art* europeia, Valerio Adami esteve presente no museu para o colóquio que antecedeu a abertura da mostra. Foi publicado um catálogo-portfolio, com a reprodução de 10 desenhos do artista e um conjunto de textos originais. Entre os autores, Antonio Tabucchi, amigo de Adami. A exposição foi realizada em colaboração com Matteo Bianchi e o Museo Villa dei Cedri, de Bellinzona (Suíça) e suscitou o interesse de um público informado como da imprensa especializada, e trouxe ao museu muitos novos visitantes.

A exposição *In situ* trouxe ao museu estudantes da Escola de Belas Artes do Porto. Uma presença de grande vitalidade expressa no diálogo inesperado entre a coleção e as obras dos jovens criadores. Igualmente importante o depósito no museu de um acervo representativo da obra de Mário David, assinalado com uma exposição e a edição de um livro.

E um dia chegou ao museu o piano que ali faltava. Um gesto generoso de alguém que, amando a música, se quis anónimo, oferecendo ao silêncio do museu, a ocasião de muitas novas sonoridades...

No museu, cerca de cem obras – uma síntese representativa da arte portuguesa do período 1960-90 – em diálogo com peças da coleção, estão preparadas

para os visitantes: entre os muitos artistas, obras de Helena Almeida, Michael Biberstein, Miguel Branco, Alberto Carneiro, José Pedro Croft, Gaëtan, Ana Hatherly, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Pedro Sousa Vieira...

A Sala Jorge Barradas transformada, para a ocasião, em sala de jantar; o museu acolhe entre os convidados, aqueles que permitiram a realização da mostra: os artistas, os administradores da FLAD, o conservador da coleção, Dr. João Silvério, o Professor Lúcio Craveiro, Presidente do Conselho Cultural e todos os Vice-Reitores da Universidade e o Dr. César Valença, a quem coube resolver, entre outras, as questões de protocolo! **Os Serviços Sociais asseguraram** o jantar. O menu, o mais modesto. A mesa, sim, teve todas as atenções: magníficas toalhas brancas, candelabros (saídos das reservas), arranjos de camélias brancas do jardim, o serviço de Meissen, elegantes copos, enfim, um cenário com ressonâncias de outras festas que ali tiveram lugar, agora num contexto bem diverso ... na sala, os dois retratos que se olham de frente, de António Nogueira da Silva e Senhora.

Do passado ao futuro...

Os atributos do Museu Nogueira da Silva têm-lhe permitido renovar-se continuamente, oferecendo à universidade e à cidade um ponto de encontro com a arte, nas suas mais variadas linguagens.

Tudo é discutível e parte das escolhas, também de ordem estética, são subjetivas. Também de erros e imperfeições se faz uma aprendizagem. E sabemos como pede tempo, a menos que se desista em favor da cultura efémera dos eventos. Tudo é, por isso, discutível. Tudo, excepto a liberdade indispensável à vida de um museu, diferente de todos porque integra a pequena família do Conselho Cultural o qual se abriga numa universidade: um acervo imenso, entre obras de arte e conhecimento. Uma exceção cara ao Professor Lúcio Craveiro que tanto defendeu o valor desta singularidade da Universidade do Minho. Um museu, particular. Lugar raro para viver e pensar a beleza. O conhecimento e a cultura. Lugar aberto.



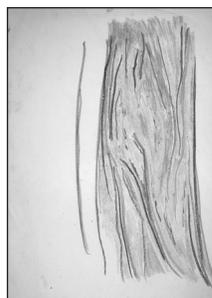
Jardins do Museu Nogueira da Silva.



S/título, acrílico sobre linho e lã preta, Michael Biberstein, coleção FLAD.



"figuracontrafigura" desenho de Adami.



Acrílico sobre papel, de Mário David.